

# A geopolítica do petróleo do coronavírus: exagero ou realidade?

**Fernanda Delgado**

Professora e coordenadora de pesquisa da FGV Energia

**Najad Khouri**

Economista

**Julio Pinguelli**

Pesquisador da FGV Energia

Em tempos de ascensão de políticas nacionalistas, guerras comerciais e de enfraquecimento de organismos internacionais, a erupção do coronavírus veio para comprovar a interdependência econômica mundial e a necessidade de cooperação internacional, não somente em tópicos como terrorismo e clima, mas também em questões como segurança e saúde pública.

Para o setor energético mundial, as consequências do espraio inicial do vírus já podem ser sentidas nos preços do petróleo no mercado internacional, que experimentaram, na primeira semana de março de 2020, o sexto declínio semanal consecutivo, pressionado pela queda de demanda na China em meio ao surto. *Pari passu*, a Opep+, liderada pela Arábia Saudita, e pela Rússia, lutam para encontrar uma posição unificada sobre como conter a queda nos preços.

Adicionalmente, para o mercado de gás natural, o surto de coronavírus desestabilizou o mercado mundial diante da queda na demanda e das ameaças de importadores chineses de cancelarem até 70% das importações marítimas em fevereiro (2020).



Sob esta perspectiva, este artigo busca avaliar a crise atual e seus possíveis cenários consequentes para o mercado energético nacional e internacional, buscando chaves de compreensão para a posição brasileira no contexto petrolífero internacional face a este novo desafio. Busca demonstrar também como uma epidemia que eclodiu no interior da China pode afetar a vida de municípios brasileiros produtores de petróleo.

O surto do coronavírus estourou em dezembro de 2019 em Wuhan, capital da província Hubei, na China central. A cidade tem aproximadamente 11 milhões de habitantes e constitui um centro comercial e industrial importante.

O vírus deixou isolados aproximadamente 46 milhões de pessoas que habitam as cidades bloqueadas na província-foco da epidemia. Depois que a Organização Mundial da Saúde (OMS) colocou toda a China em estado de isolamento parcial do resto do mundo, boa parte do sistema de transporte do país (voos, trens e transporte urbano e marítimo) foi interrompido. Governos de outros países anunciaram o fechamento de suas fronteiras com a China e outros

retiraram seus cidadãos, como foi o caso do governo brasileiro.

Desde a eclosão do vírus até a primeira semana de março, já existiram mais de 160 mil casos de contaminação fora da China, com pacientes confirmados em mais de 62 países. A maioria deles está na Ásia, mas existem casos confirmados em todo o mundo na Oceania. Entretanto, Filipinas, Estados Unidos e Itália já divulgaram mortes fora da China. No Brasil, foi confirmada a existência de um paciente vindo da Itália, da região da Lombardia, que testou positivo para o coronavírus. Além dele, outras 30 pessoas que tiveram contato com ele estão em quarentena, aos cuidados do governo brasileiro.

Ainda é cedo para afirmar as consequências econômicas do surto, mas alguns números têm sido divulgados pelas mídias nacionais e internacionais, calculados a partir das restrições no transporte público e nas viagens aéreas na China, assim como nas quarentenas e prolongamentos de feriados estabelecidos no país (ver tabela).

Em um momento em que a economia chinesa já está desacelerando no meio de uma guerra comercial com os Estados Unidos há uma preocupação crescente de que o efeito

## No mercado de petróleo, a previsão de queda de demanda da China deve refletir em projeções baixistas em torno de 300 mil barris por dia em 2020

do vírus na segunda maior economia do mundo possa levar a um impacto econômico global. Certamente a desaceleração da economia chinesa deve causar interrupções nas cadeias de suprimentos globais de importações e exportações, o que deve refletir diretamente nos preços das *commodities*, como é o caso do petróleo e do minério de ferro que o Brasil exporta, e de outros metais como é o caso do cobre e do chumbo, por exemplo. Consequentemente uma redução do PIB da China em 2020 deve afetar diretamente o Brasil, em se tratando de dois grandes parceiros comerciais

com balanças altamente imbricadas (figura 1). No mercado brasileiro, por exemplo, maior comprador de peças e componentes eletrônicos da China – as exportações chinesas de peças e equipamentos no segmento eletroeletrônico respondem por mais de 10% da produção global desses produtos –, já houve paralisação da produção de equipamentos como celulares, *tablets*, TVs, consoles de videogame e outros por falta dos componentes que são fabricados na China.

E não é só o mercado de eletrônicos no Brasil que é afetado por esta crise. As principais *commodities* mundiais, como a soja e a carne, têm sofrido impacto nos preços no curto prazo. A soja representa 30% de tudo que é exportado pelo Brasil à China, seguido do petróleo, com 24% e minério de ferro, com 21%. O impacto na balança comercial brasileira poderá sofrer impacto negativo na sua previsão de crescimento, que hoje é de US\$ 37,4 bilhões.

No mercado de petróleo, a previsão de queda de demanda da China deve refletir em projeções baixistas em torno de 300 mil barris por dia em 2020. Esta queda está puxando os preços da *commodity* para baixo (figura 2). A cotação de Brent caiu em média USD 10 por barril, desde o início do surto, ou seja, 20% em relação a janeiro de 2020.

Considerando que o mundo produz 100 milhões de barris por dia há uma transferência direta de aproximadamente US\$ 1 bilhão/dia dos produtores para os consumidores. Em relação às exportações mundiais, que são da ordem de 40 milhões de barris por dia,<sup>2</sup> a transferência de recursos dos países exportadores, países em desenvolvimento, para os

Infectados	Mais de 90.000 pessoas
Mortes confirmadas	3.110 pessoas
Projeção de redução do PIB chinês 1º trimestre 2020	0,8%
Projeção de redução do PIB chinês 2º trimestre 2020	0,2%
Contratos de GNL revogados até fevereiro de 2020	14
Menor preço histórico do GNL <sup>1</sup> no mercado asiático	US\$ 2,95/MMBTU
Redução da demanda de óleo cru mundial	3%
Redução da demanda de óleo cru na China	25%

Fonte: Elaboração própria.

importadores, países desenvolvidos, gira em torno de US\$ 400 milhões diários e pode pressionar o orçamento dos governos aumentando o desequilíbrio ou transformando o equilíbrio em déficit fiscal. Dependendo da duração da epidemia, os efeitos podem ser ainda mais graves.

Visando conter a tendência de baixa dos preços, a proposta de recomendação de alargar os cortes de produção do Comitê Técnico da Opep, que se reuniu no início de fevereiro (2020) em Viena, pressionou por um corte drástico de produção durante o surto. Entretanto a proposta não obteve o efeito desejável. O ministro de Petróleo russo, Alexander Novak, que lidera os 10 produtores não Opep preferiu esperar até a próxima reunião no início de março. A aliança entre os dois grupos possui entendimentos para limitar a produção visando estabilizar os preços do petróleo e restaurar o equilíbrio face ao excesso de oferta ou de redução da demanda.

O Brasil pode sair ganhando ao diversificar sua carteira de importadores e não colocando todos os seus ovos em uma cesta apenas

A política de gerenciar o mercado por meio de corte voluntário de produção se iniciou em setembro de 2016 quando os países membros da Opep concluíram um acordo abrangente na Argélia para reduzir a produção da organização em 700 mil barris por dia. O acordo foi para

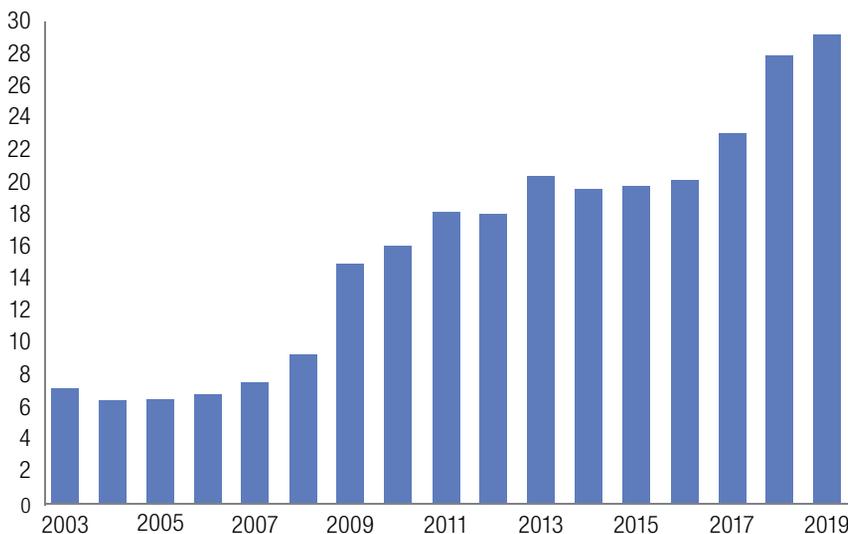
fazer frente à queda dos preços que tinham chegado a USD 30 por barril e que se iniciou em 2014. A Arábia Saudita havia praticado uma agressiva política de captação de *market share* e abolido as cotas de produção da organização que giravam em torno de 33 milhões de barris por dia. O acordo ganhou força com a adesão da Rússia e dos outros produtores não Opep em novembro do mesmo ano. Desde então o acordo tem sido renovado semestralmente, atualmente o corte de produção equivale a 1,7 milhão de barris por dia.

Especula-se que ambas as hipóteses de solucionar o impasse e impulsionar as cotações do petróleo seriam conduzir a Arábia Saudita a uma redução individual entre 0,5 a um milhão de barris por dia na sua oferta, que ficaria em vigor até a crise ser superada. Entretanto, sempre foi uma prerrogativa do reino não tomar nenhuma atitude individual de corte de produção.

O Brasil atualmente exporta em torno de um milhão de barris por dia de petróleo. Portanto o efeito recai diretamente no caixa dos exportadores e na conta-corrente nacional. A diminuição da entrada de divisas no país representa algo em torno de USD 100 milhões por dia, e pode afetar o câmbio também. Novamente, ainda é cedo para conclusões mais contundentes sobre os efeitos econômicos futuros.

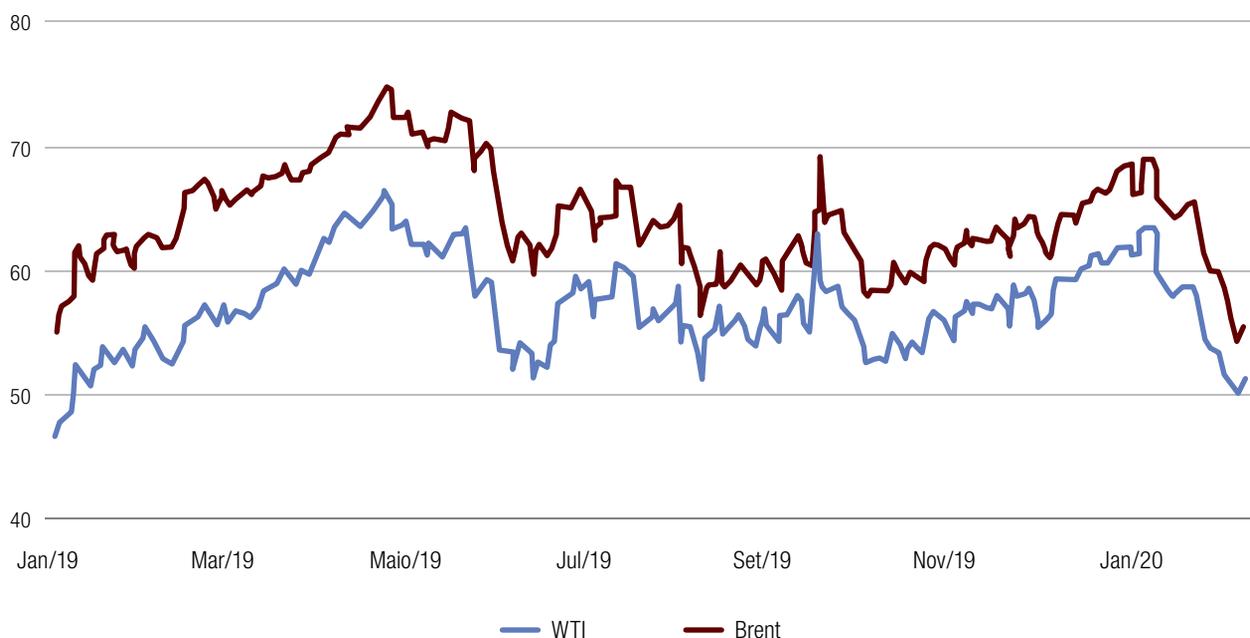
Dessa exportação brasileira de petróleo, quase 50% se destina à China e a percepção de redução de compra por parte do país asiático deve levar a Petrobras a buscar outros mercados alternativos para o petróleo brasileiro. A Índia possui um parque sofisticado de refino e

Figura 1 Participação da China nas exportações brasileiras



Fonte: Ministério da Economia.

Figura 2 Preços futuros do petróleo – dólares por barril



Fonte: EIA, 2020.

está na mira de aproximação política e econômica com o Brasil, especialmente depois da recém-visita do presidente Bolsonaro e assinatura de vários acordos bilaterais. Portanto, o Brasil pode sair ganhando ao diversificar sua carteira de importadores e não colocando todos os seus ovos em uma cesta apenas. Outros mercados-alvo podem ser Coreia do Sul e Japão.

Adicionalmente, o efeito também é negativo para os estados e municípios que recebem *royalties* e participações especiais, além de recolherem ICMS, cujos efeitos sentirão o impacto correspondente de aproximadamente USD 10 por barril por dia.<sup>3</sup>

Segundo algumas estimativas, o impacto do coronavírus persistirá ao longo de fevereiro e março de 2020, e diminuirá gradualmente em junho de 2020. Por isso ainda é cedo para avaliar o quão prejudicial é a epidemia para a economia global e, por-

tanto, para a demanda de petróleo e quanto tempo realmente durará.

É fato que os contratos futuros do petróleo recuaram devido à falta demanda chinesa após a eclosão do surto, enquanto os operadores esperavam para ver se a Rússia se juntará a outros produtores na busca por cortes adicionais na produção. A próxima reunião da Opec deve definir os níveis dos cortes para gerenciar o mercado de petróleo, e a pauta deve ganhar um fator imprevisível. As negociações entre Rússia e Arábia Saudita devem incluir um novo fator. Além de assuntos normalmente elaborados, como é no caso de níveis de produção, consumo, estoques, e assuntos geoestratégicos, guerras e sanções, a reunião deve abordar o fator coronavírus, tornando um novo acordo ainda mais complexo de ser negociado. Certamente é um novo desafio para Opec+.

Diante desse cenário inusitado e desafiador para o mercado de petróleo mundial, qualquer previsão do que acontecerá com os preços das principais *commodities* internacionais, destacadamente o petróleo, é puro exercício de futurologia. O que se pode dizer, com certeza, é que haverá uma tentativa por parte da Opec+ para que os preços se mantenham em níveis balanceados, de forma a não desequilibrar as balanças comerciais dos principais países produtores. Além disso, nesse momento, lidar com uma crise de saúde pública, onde a imprevisibilidade é o fator preponderante, qualquer espirro pode, literalmente, derrubar a economia mundial. ❏

<sup>1</sup>Gás Natural Liquefeito.

<sup>2</sup>BP Statistical Review, 2018.

<sup>3</sup>Para além do desconto referente às características físico-químicas em relação ao óleo marcador.